



José Cardoso Pires

LIDORO SILVA, DITO O GANSO

Ainda hoje quando passo na Praça do Chile estou sempre à espera de o ver à porta da Antiga Adega dos Perus a meditar os horizontes. Era alto e triste, altíssimo. Tão comprido e tão ossudo que já tinha o esqueleto hipotecado a uma fábrica de botões.

Heliodoro, de seu nome oficial, nascia a prumoduns sapatos cheios de nós e terminava em arco, num pescoço de ganso de olhos compungidos, que lhe davam uma certa solenidade magoada. Tinha modos respeitosos, mesmo no levar o copo à boca, e falava grave e baixinho como se estivesse

Começava o dia com o jornal aberto na secção da necrologia, à procura de falecidos de altas cruces. Tomava notas da biografia daquele que lhe tocasse mais na alma e, com dois jeitos na gravata preta, apresentava-se em casa da família enlutada como um apagado e saudoso protegido do defunto.

num funeral. Na verdade, Heliodoro andava aos mortos, vivia disso. Mas sonhava com mariscos — duas coisas que não ligam lá muito bem.

Começava o dia com o jornal aberto na secção da necrologia, à procura de falecidos de altas cruces: juizes, beneméritos, almirantes de longo curso, comendadores — gente assim. Tomava notas da biografia daquele que lhe tocasse mais na alma e, com dois jeitos na gravata preta, apresentava-se em casa da família enlutada como um apagado e saudoso protegido do defunto. Com pesar e desamparo, recordava um ou outro acontecimento apanhado na biografia do jornal e, se naquela casa os ares estavam razoavelmente enevoados pela dor, saía de

lá com uma recordação do ente querido, tão certo como ele se chamar Lidoro: sapatos, peças de roupa, uma bengala de castão de prata, o que calhasse.

Do morto à loja de penhores (A Mutual Confidente, na Rua Morais Soares, sempre a mesma) era um salto. Lidoro punha os salvados do naufrágio à consideração dum invejoso de capachinho (sempre o mesmo), que o recebia sem o olhar e, depois de certos ajustes, ficava o negócio fechado.

Pronto. Com dinheiro a cantar-lhe na algibeira, o Ganso apontava o pescoço à Cervejaria Portuguesa, fazendo contas às santolas e às cervejas que iria abater em honra do falecido, que àquela hora já devia andar às voltas com os vermes.

Pois é, a vida é triste, a vida é triste. Enquanto uns comem outros são comidos, mas que se há-de fazer? Também ele, Lidoro, tivera muitos dias de mortos ingratos, só Deus sabe. Dias e dias em que, à falta de marisco, se reduzia a uma sandes na Adega dos Perus, lendo, para desfastiar, umas receitas copiadas do “Livro de Pantagruel” que trazia sempre no bolso. Mordiscava pedaços de queijo que lhe sabia a sabão e lia “lagosta à Cardinal”, “santola recheada”, “percebes à biscainha” e outras bênçãos do mar que o enchiam de fé para a necrologia do dia seguinte.

Desta crença pelos mariscos só confidenciava, que se saiba, com o penhorista do capachinho, que era um viúvo solitário todo dado ao espiritismo. Parlamentou tanto com ele sobre amêijoas de areia fina, percebes, búzios cantantes, lagostins a acenar e coisa e tal que, quando empenhava as sobras dos mortos, já não contabilizava em moeda corrente, mas em pratinhos de camarão ou em doses de amêijoas à Bulhão Pato.

O pior é que a necrologia ia perdendo mi-

sericórdia e Lidoro, sem defuntos de mãos largas nem campo para mariscar, entrou em expedientes delirantes como o da célebre aposta de empenhar um cão que ainda hoje é falada na Praça do Chile e arredores.

Empenhar um cão? De acordo, tratava-se dum negócio esdrúxulo, ninguém diz menos que isso. Só que a necessidade não olha a gramáticas, e Lidoro, que vivia num quarto alugado, pôs-se a namorar o lulu da dona da casa com olhos de talvez te lixes e, num golpe repentino, transferiu-o, com laço de seda e tudo, para o penhorista da Morais Soares.

O homem deve-se ter agarrado ao capachinho ao ver a mercadoria. Um cão? E o alimento? E as doenças? E a desvalia? E a instalação do animal? Mas dialéctica é dialéctica e Lidoro sabia traquejá-la com emoção. Pedia pouco dinheiro e por poucas horas, o tempo apenas para ir pagar uma multa de emergência ao cemitério onde repousava a sua santa mãe. Então?

Então o espírito da Mutual Confidente, tendo em conta que se tratava de uma dívida funerária e o pouco valor do empréstimo, aceitou. “Fica, mas amanhã de manhã, o mais tardar, quero-o de volta”, avisou.

É o voltas. Até hoje, de Lidoro Ganso nem sinal. Parece que, depois dum gamba envenenada, foi encontrado morto na cama, rodeado de cascas de santola penduradas nas paredes, e que o levaram para a morgue embrulhado num capote de bombeiro.

Durante meses e meses, a dona da casa ficou à janela à espera do animalzinho, que, mal ela sabia, estava ali bem perto, na Mutual da Rua Morais Soares. Mas já não era um cão empenhado, era uma companhia que o penhorista do capachinho tinha sempre ao seu lado, para lhe falar do Além e das mensagens do dr. Allan Kardec. ●